

JOELHO

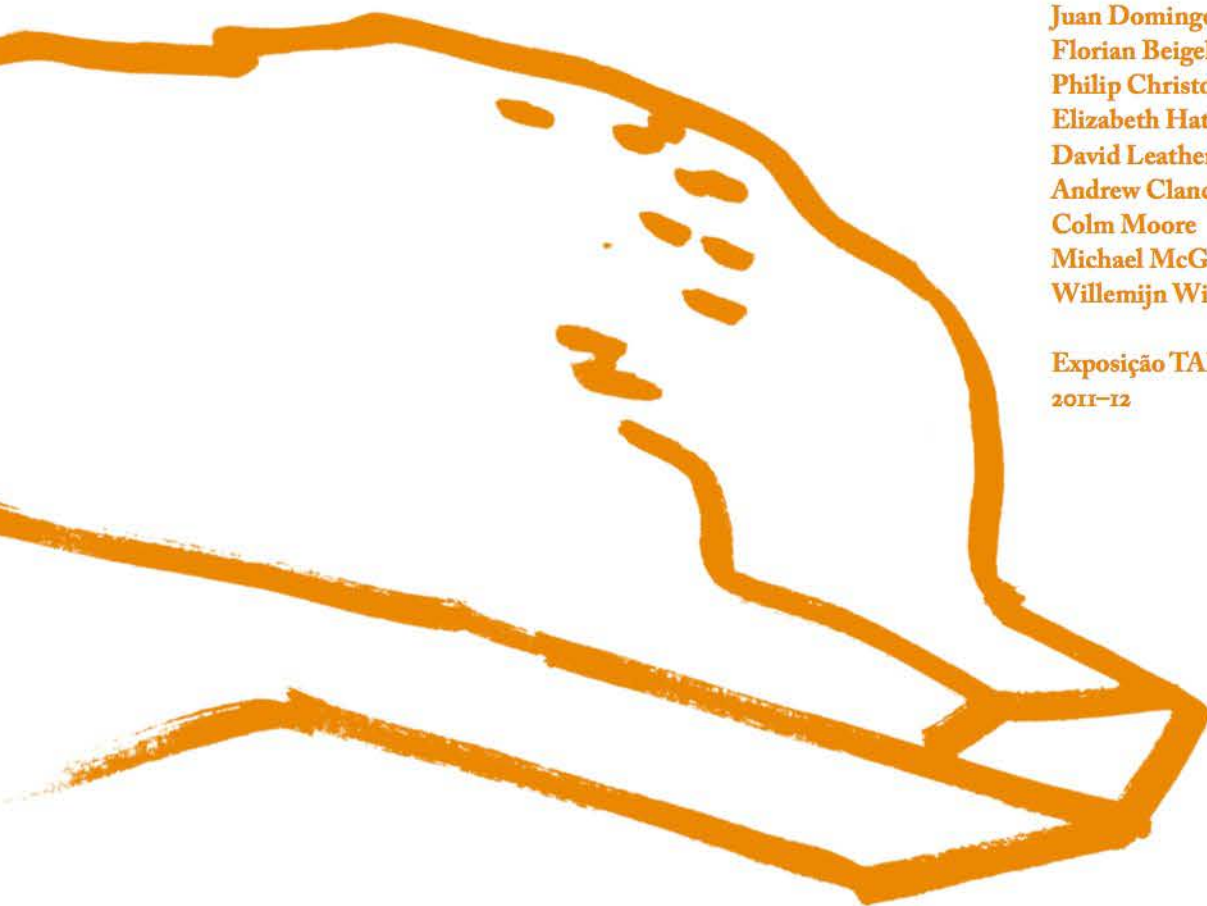
#04

ENSINAR PELO PROJETO TEACHING THROUGH DESIGN

Coordenação:
Paulo Providência
Gonçalo Canto Moniz

Alexandre Alves Costa
Juan Domingo Santos
Florian Beigel
Philip Christou
Elizabeth Hatz
David Leatherbarrow
Andrew Clancy
Colm Moore
Michael McGarry
Willemijn Wilms Floet

Exposição TAPE
2011-12



Pedro Maurício Borges

1.2. Didática: os suportes operativos

A mão que segura o lápis é a mesma que agarra o rato?

1.

Há uma longa e comprovada prática de ensino da Arquitectura que coloca o Projecto no centro de gravidade dos planos de estudo. Esta centralidade do Projecto explica-se pela convicção raramente contestada de que a arquitectura se aprende fazendo. Assim, a prática deste fazer é, ao mesmo tempo, meio e fim, ou seja, didáctica e pedagogia.

Este fazer, que é projectar, é habitualmente enquadrado pela relação tutorial professor-aluno que, por sua vez, se alinha com a longa tradição de aprendizagem oficial entre mestre e discípulo. Com a reforma de Bolonha, e a consequente diminuição do tempo de ensino, tornou-se cada vez mais difícil manter a eficácia desta relação.

Que didácticas implementar para rentabilizar o menor tempo de contacto entre professores e alunos?

Ainda há tempo para as mãos pensarem?

Ou será necessário rever as estratégias pedagógicas baseadas no aprender fazendo?

2.

Se a arquitectura se aprende a fazer fazendo, então o suporte operativo deste fazer – desenho à mão sobre o estirador, maquete ou desenho por computador, diário gráfico ou blog individual, – é já ferramenta pedagógica. Por isso se diz amiúde que o que interessa é o processo.

Um estirador por aluno para desenhar à mão, ou um blog por aluno para carregar com imagens são opções que se traduzem em diferentes suportes para um mesmo processo de Projecto ou que servem processos diferentes?

Resumo do Debate

(Dadas as condições acústicas e de gravação do debate, segue-se o resumo possível).

As comunicações começaram com o apelo à revolução contra o sistema tradicional da relação mestre-discípulos feito por Ramon Silva de Carvalho e acabaram com o PREC nas Belas Artes do Porto na versão de Nicolau Brandão. Pelo meio tivemos a descrição, passo a passo, da metodologia de projecto de uma certa praxis portuguesa, por Nuno Miguel Soares, e de um processo iniciático de concepção e investigação centrado na maquete, por Juliano Batista Oliveira.

Destas apresentações resultou um debate em que se destacaram como temas os suportes operativos para a aprendizagem do Projecto – o papel, a maquete ou o suporte digital, e a Disciplina enquanto sistema de autoridade pedagógica.

O moderador começou por inquirir Ramon Silva de Carvalho sobre o papel do professor no sistema por si apresentado, o qual, baseado na teoria actor-rede, propõe a redução ou mesmo a anulação da hierarquia entre os actores humanos. O argumento é que a praxis tradicional do sistema tutorial não integra a vida e os interesses dos alunos, aos quais é imposto o programa do professor e da escola.

Esta proposta radical, para além do nivelamento entre professor e alunos, coloca também ao mesmo nível os actores não-humanos, isto é, computadores, tablets e telemóveis. Da plateia, Jorge Spencer reagiu dramatizando a opção pelos meios operativos informáticos: que se trata de uma didáctica cuja ideia de arquitectura estabelece com o real uma relação totalmente diferente da didáctica que privilegia o desenho, do estar sentado a desenhar, que

é simultaneamente pensar a realidade, lê-la e ser parte dela. Foi o desenho que no século xv alterou a posição social do arquitecto, promovendo o ofício de arquitecto a profissão de colarinho branco, ou “de mãos limpas”, como disse, retirando-o das obras.

Por outro lado, Jorge Spencer reagiu à utopia sociotécnica da teoria actor-rede convocando a Disciplina – “Educar é disciplinar” – e reclamando a autoridade do docente como referencial nas estratégias didácticas. A didáctica são os métodos, as técnicas, que o professor usa para implementar um sistema pedagógico que a Escola advoga. Assim, escolher os suportes operativos para o Projecto não pode ser uma escolha dos alunos. Determinar o lugar dos suportes operativos é indissociável da definição de uma estratégia didáctica, seja para abordar o real seja para projectá-lo. Pelo meio, exemplificou com a Escola do Porto, que há muito tempo assumiu o desenho como instrumento privilegiado para olhar e projectar, e com a Architectural Association que privilegia o uso dos computadores na sua estratégia didáctica.

Aos meios informáticos e ao desenho à mão, Juliano Batista Oliveira havia acrescentado a maquete. Para a materialização das primeiras ideias e seu desenvolvimento na iniciação ao projecto de arquitectura, a maquete à escala tem a vantagem da maior objectividade face à subjectividade e abstracção do croqui, para além de potenciar, desde logo, a exploração das possibilidades estruturais. Considerando também a maior dificuldade na representação gráfica da imaginação arquitectónica, a maquete apresenta-se aos alunos como um eficaz suporte interactivo.

A maquete como croqui ou esquiço não deverá usar cola, categorizou então Nicolau Brandão, sob pena de perder as suas faculdades especulativas. Colar as maquetas seria o mesmo que no desenho investigar com régua e esquadro. Que a maquete tem vindo a substituir progressivamente o desenho como meio de investigação no 1.º ano de projecto é algo que Nicolau Brandão tem vindo a constatar desde o confronto da sua escola de arquitectura, a ESAP, com as práticas norueguesas.

O moderador inquiriu ainda Nuno Miguel Soares sobre qual seria o motor crítico que acelerava o processo de acção-reflexão apresentado como metodologia de projecto; sendo no real que se encontrava a fundação do projecto, quais seriam os critérios ou o sistema de valores com que elegeria o que interessa do real para o projecto. Nos objectivos traçados para o exercício estará a resposta: o tema e os objectivos enunciados são as guidelines para o processo de tomada de decisão, sugeriu Nuno Miguel Soares, que mais à frente no debate veio a acrescentar, citando Nietzsche, “não há bem nem mal, há um processo.” O docente encaminha, guia a construção do processo. “Não há a ideia que o real construa um processo”, sendo na reflexão pela acção que se constrói a ideia.

Nicolau Brandão reiterou a centralidade do processo, postulando que no projecto não há uma solução, “isso é na Matemática. O projecto é investigação. É processo.”

O moderador deu então por encerrado o debate comentando que, no discurso dos professores, “o processo, às vezes, parece o Espírito Santo...”